
A EPISTEMOLOGIA DE LAKATOS E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SEXUALIDADE E DO GÊNERO

Lakatos Epistemology Under the Sex and Gender Social Construction

Fernanda Lopes Barbosa¹

Resumo: Tendo por base a epistemologia de Lakatos o artigo aborda a construção dos conceitos de sexo e gênero a partir de dois programas para analisar a evolução da conceituação desses dois temas no âmbito teórico e prático. O primeiro programa a ser exposto tem como contexto a modernidade do século XVIII, e cunhou a ideia de um sexo binário relacionando a ele o conceito de gênero e a sexualidade. O segundo, que surgiu na segunda metade do século XX, é o programa da analítica queer, contextualizado no pós-estruturalismo, que visa pôr fim ao binarismo estabelecido pelo programa anterior. A partir da filosofia de Lakatos analisa-se o estágio teórico e prático de ambos os programas com o objetivo de concluir se há uma superação do primeiro pelo segundo, e as consequências trazidas por essa evolução, se existente.

Palavras-chave: Lakatos. Epistemologia. Queer. Lógica Binária. Sexo. Gênero.

Abstract: Based on the Lakatos epistemology the article discusses the construction of the concepts of sex and gender from two programs to analyze the evolution of the concept of these two themes in the theoretical and practical level. The first program exposed has its context in the modernity of the eighteenth century, and coined the idea of a binary gender, relating it to the concept of gender and sexuality. The second, which came in the second half of the twentieth century, is the queer analytical program. Contextualized in the post-structuralism, it aim to puts an end to the binary logic set by the previous program. From the philosophy of Lakatos the paper analyzes the theoretical and practical development of both programs in order to conclude whether the first was ride out by the second, and the consequences brought about by these developments, if any.

Keywords: Lakatos. Epistemology. Queer. Binary logic. Sex. Gender.

INTRODUÇÃO

O estudo que será realizado nas páginas que seguem tem como objetivo analisar o impacto da analítica queer sobre a lógica binária de sexo e gênero. Busca-se entender se está havendo uma superação de um modelo científico nos termos da epistemologia de Imre Lakatos. Para tanto, começa-se analisando o modelo construído no século XVIII, que deu origem à divisão binária dos sexos, criou o conceito de gênero, e estabeleceu a correspondência desse com o sexo.

Logo após, passa-se ao estudo do novo programa proposto no século XX, que origina a analítica queer, que não só se contrapõe à lógica binária, mas pretende superá-la a partir da demonstração de

¹ Graduada em direito pela PUC-MG. Advogada. Mestranda em Direito Público pela PUC-MG. Contato: felopesb@gmail.com

que o gênero não é algo fixo, mas uma construção constante do indivíduo. Por fim, parte-se para a análise do surgimento e evolução dos dois programas conforme o contexto epistemológico de cada um visando esclarecer, a partir de Lakatos, se está havendo uma superação do primeiro programa pelo segundo, para em estudo futuro entender os impactos que essa evolução poderia trazer para o Direito, especialmente no que diz respeito à forma que esse trata os transexuais.

O PROGRAMA DA LÓGICA BINÁRIA DO SEXO E SUAS IMPLICAÇÕES NA DETERMINAÇÃO DO GÊNERO

A divisão binária de sexo e gênero entre feminino e masculino presente no Direito passou a ser construída mais fortemente no século XVIII com o avanço da medicina e da biologia, que gerou, no entendimento de Foucault, uma sexualização do gênero que impulsiona sobre uma determinada população o fenômeno do biopoder exercido de um modo que “não se preocupa com o indivíduo, mas lida com uma população que é um problema político, biológico, científico e, concomitantemente, um problema de poder” (SOUZA E CARRIERI, 2010, p.51).

Até esse momento o modelo que vigia era o do *one-sex model*, e, portanto, não se falava em gênero. Havia somente um sexo em que a mulher era considerada meramente um homem invertido² e menos perfeito. A formação do conceito de um sexo feminino é que acarretou a diferença de gêneros, e passou-se a acreditar em uma bissexualidade natural ao invés de uma hierarquização de funções de um só sexo. (SOUZA E CARRIERI, 2010).

Essa mudança de paradigma, mais precisamente de programa – conforme Lakatos – implicou na definição de papéis dos gêneros a partir da biologia. “O gênero se torna, assim, uma epistemologia que permite dar sentido à diferença dos sexos. O humano é, a partir de agora, constituído de dois corpos estáveis, definidos biologicamente por duas gramáticas distintas, XY e XX, permitindo uma escrita coerente com o destino individual e social” (BORRILLO, 2010, p.291). Cria-se uma relação em que o sexo define o gênero e esse determina a sexualidade. (SOUZA E CARRIERI, 2010).

Assim, a lógica binária de determinação do sexo, passa a determinar o gênero, “os comportamentos esperados por essa “nomenclatura sexual”” (BORRILLHO, 2010, p.292), o lugar a ser ocupado e o papel a ser desempenhado, determinando não só uma função social, mas também de identidade psicológica conforme os “protótipos de masculinidade e de feminilidade construídos pelas sociedades” que determinam a avaliação do comportamento da pessoa, e, sua consequente classificação como ser normal ou anormal, diante da ideologia de complementaridade.

O novo programa servirá para “justificar e criar diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos em função das necessidades e exigências da sociedade burguesa, capitalista, nacionalista e individualista” (COSTA citado por SOUZA e CARRIERI, 2010, p.52). A sociedade estabelece a heterossexualidade como padrão de normalidade, e começa a classificar os comportamentos que não se enquadram no padrão como desviantes, como anormalidades que exigem um conserto, um

2 Acreditava-se que as mulheres possuíam os mesmos órgãos que os homens, havendo somente uma inversão topológica do pênis dentro delas. (SOUZA E CARRIERI, 2010).

tratamento para não quebrar a ordem natural da heterossexualidade focada na reprodução. Assim, a sexualidade vai ser usada para constituir gradativamente o controle social e as relações de poder.

No entanto, essa perspectiva da heterossexualidade como a realidade natural ligada à biologia, e do gênero como papel social a ser desempenhado conforme o sexo para a manutenção da organização primária das relações humanas, passa a ser questionado por volta da década de 1960 pelo movimento feminista, que abrirá as portas para o desenvolvimento de um programa que não só se contrapõe ao programa binário, mas que pretende superá-lo. Essa evolução é o tema do próximo capítulo.

A ANALÍTICA QUEER COMO PROGRAMA CONCORRENTE DA LÓGICA BINÁRIA

A partir da década de 1960 uma resistência ao programa binário que associou o gênero ao sexo biológico e que estabeleceu o gênero como critério determinante para o desempenho dos papéis sociais começa a se erguer. O feminismo que começa contestando a posição social da mulher vai se expandindo para estudar a questão de gênero a partir de um ponto de vista político. O movimento que surge já no período da pós-modernidade vai abrir caminho para a descentralização do sujeito e da identidade, de modo que o “sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, [*sic*] está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL citado por SOUZA e CARRIERI, p.55).

De forma gradual o feminismo fará uma passagem do gênero como conceito biológico para gênero como um conceito social e cultural. Há uma resignificação de sexo e gênero. O primeiro passa a ser biologicamente definido, enquanto o segundo passa a ser uma construção social.³

Nesse contexto de desenvolvimento do movimento feminista e de pós-estruturalismo⁴ surge a analítica queer, um novo programa que combate a divisão binária do gênero e que pretende superá-lo⁵. Souza e Carrieri explicam que tal analítica visa a “problematização das relações de poder que atuam como dispositivos de controle sobre a sexualidade” (SOUZA e CARRIERI, 2010, p.49) e localizam epistemologicamente o fundamento da analítica queer no pós-estruturalismo, por volta dos anos 1980.

O programa queer surge, assim, para desconstruir a lógica binária masculino-feminino, defende uma política pós-identitária, visa pôr fim a heteronormatividade como algo natural (SOUZA e CARRIERI) e propõe “borrar as fronteiras e as determinações, pensar na constituição de subjetividades como um devir, como processo multifacetado e em constante transformação” (MARTINS, 2016, p.126). Os teóricos queer também vão estudar - a partir da teoria psicanalítica das identidades descentradas, instáveis e sem essência de Jacques Lacan - o sujeito, a subjetividade e a

3 Diante disso, Souza e Carrieri (2010) vão propor a substituição do termo gênero pela expressão relações sociais de sexo. Para tanto, vão explicar que o conceito de relações sociais de sexo que utilizam é fundamentado no pós-estruturalismo de Foucault (1984, 1985, 1988), conforme o qual as “categorias como masculino e feminino também são frutos de relações de poder e não existem *a priori*”.

4 Principalmente a partir de Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze.

5 Ressalta-se, aqui que apesar de a nomenclatura mais comum no meio acadêmico ser teoria queer, o presente trabalho adotará o termo analítica queer cunhado por Souza e Carrieri (2010). Isso porque para esses autores a base da analítica queer são justamente os estudos de Michel Foucault, que trabalhou não como uma teoria sobre o poder, mas com uma analítica sobre o poder com o intuito de não construir metanarrativas como os estruturalistas. (SOUZA E CARRIERI, 2010).

identidade, para então concluir que o indivíduo está sempre se deslocando, se desterritorializando e se reterritorializando. (MARTINS, 2016).

Butler, uma das grandes expoentes da corrente queer

vai desconstruir a distinção natural-cultural de sexo e gênero argumentando que falar em existência social de corpos pressupõe a generificação, isto é, não há corpo existente a pré-inscrição cultural, pois o corpo não é uma dimensão a ser lapidada por inscrições, “mas um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas” (Butler, 2003:59) por ações sociais constituídas e constituintes de gênero. (MARTINS, 2016, p.128)

A filósofa vai explicar que gênero é uma performance, um eterno devir, e não um ser, algo fixo, imutável, de modo que a identidade de gênero é oriunda das performances de gênero como expressões sociais e culturais. (MARTINS, 2016)

Nesse contexto, a segunda metade do século XX traz um novo programa sobre a definição de sexo, gênero, papéis e lugares sociais e resiste ao imperialismo da lógica binária do século XVIII. Diante de tal quadro, o que será estudado agora no próximo capítulo é: qual o impacto que esse novo programa tem no anterior? Há uma progressão desse novo modelo e uma consequente superação do anterior? A analítica queer está promovendo a mudança a longo prazo, gradual como Lakatos explica que acontece?

AS CONSEQUÊNCIAS DA ANALÍTICA QUEER PARA O PROGRAMA DA LÓGICA BINÁRIA: SUPERAÇÃO?

Lakatos vai estabelecer sua epistemologia sobre a construção do conhecimento científico a partir do que ele chama de programas de pesquisa. Um programa de pesquisa é composto por uma série de teorias e regras metodológicas que vão formar seu núcleo duro, o cinturão protetor desse núcleo e heurísticas positivas e negativas. (LAKATOS, 1989)

As heurísticas direcionam o pesquisador no caminho a ser seguido durante a pesquisa e no caminho a ser evitado. O núcleo duro é o centro da pesquisa e é desenvolvido no processo de elaboração das teorias que formarão seu cinturão protetor, que deve receber as anomalias e ser ajustado e reajustado para proteger o núcleo. Assim, a heurística positiva direcionará quando necessário a modificação do cinturão protetor refutável e as anomalias se enumerarão até se converterem em corroborações do programa. (GRESSINO E DENEGRÍ, 2016) (LAKATOS, 1989)

Os programas de pesquisa podem ser progressivos ou regressivos. No primeiro caso a teoria é capaz de conduzir o descobrimento de novos feitos. Por sua vez, no segundo caso o desenvolvimento teórico perde sua capacidade de predição, servindo apenas para corroborar fatos já acontecidos. (GRESSINO E DENEGRÍ, 2016)

Aplicando à epistemologia de Lakatos os programas de sobre sexo e gênero estudados previamente, é possível colocar como o núcleo do programa da modernidade do século XVIII a divisão do sexo em masculino e feminino como algo natural e a associação do gênero ao sexo determinando a sexualidade. Tal núcleo que se manterá intacto até a segunda metade do século XX, começa a ser

questionado pelo movimento feminista e pela analítica queer.

O feminismo apesar de ainda ser pautado numa lógica binária, vai questionar a associação do gênero ao sexo, e o lugar estabelecido ao gênero feminino pela sociedade dentro dela mesma. Os papéis a serem desempenhados pelo padrão de comportamento do gênero feminino, inclusive os relacionados à sexualidade – heterossexualidade, especificamente – começam a ser enfrentados pelas feministas, que com o passar do tempo expandem seu ponto de vista e abrem caminho para uma nova analítica.

Assim, o feminismo que a princípio vai afetar as teorias de suporte da lógica binária da modernidade, mas ainda manterá o raciocínio dual, vai abrir espaço para a analítica queer. Essa sim responsável por questionar de tal forma o gênero, que as teorias de suporte do cinturão protetor não serão o bastante para absorver os impactos do novo programa.

Os levantamentos feitos pela analítica queer conseguem abalar o núcleo da lógica binária da modernidade, pois vão direto no que a sustenta. Os estudos feitos por seus expositores mostrarão que até o século XVIII não existia tal modelo, vigorando o modelo de um só sexo, o masculino, em que havia uma hierarquização entre o homem perfeito e o homem imperfeito – possuidor de pênis invertido.

Isso servirá para mostrar, principalmente a partir dos estudos de Foucault, Derrida e Deleuze, que o sexo não é algo natural, original, e que o gênero até então sequer existia, e que não é fixo, rígido e imutável como se acreditava. O indivíduo seria, então, marcado por suas incertezas e instabilidades.

Com isso o programa queer atinge diretamente a base do programa binário. Não há como o cinturão protetor se amoldar para absorver a nova analítica. Não obstante, ainda nos dias atuais o programa binário se mostra prevalente no campo prático. Ainda existe não só na medicina, na biologia, mas também no Direito, as divisões entre sexo masculino e feminino e a correspondência desses com o gênero, e esses campos de estudo ainda lidam com o que foge a essa regra – por exemplo, a transexualidade, em que a pessoa possui um sexo e se identifica com o gênero oposto – na perspectiva de enquadramento – por exemplo, para os transexuais propõe-se a cirurgia de redesignação de sexo, os tratamentos hormonais, a alteração registral de sexo e prenome.

Por outro lado, a ideia de uma humanidade sem divisão por sexo e gênero vem crescendo aos poucos, ela sai do campo teórico e confirma a predição da analítica queer de que o gênero e sua determinação da sexualidade é meramente uma construção social e cultural, quando passa a aceitar, por exemplo, as relações homossexuais, quando as marcas de roupa começam a fabricar linhas sem gênero, demonstrando que conforme a epistemologia de Lakatos, o programa binário encontra-se em processo de regressão, de superação, enquanto o programa da analítica queer progride ao ter suas predições confirmadas no campo prático.

CONCLUSÃO

Os estudos que basearam as ideias expostas no artigo foram feitos a partir da análise da construção

dos conceitos de sexo, gênero e sexualidade na modernidade. O marco teórico estabelecido por volta do século XVIII é justificado por ter sido esse o momento em que houve a separação dos sexos, a criação do gênero vinculado ao sexo e a determinação da sexualidade conforme o gênero.

Como o objetivo do artigo é basear futuro estudo sobre a transexualidade, é construído por meio de uma análise epistemológica capaz de demonstrar o estágio atual dos conceitos de gênero e sexo para poder-se fazer uma análise prática das teorias que envolvem o tema. Assim, a constatação de mudanças no pensamento teórico trazidas na segunda metade do século XX faz com que a análise teórica seja feita tendo como referencial teórico a epistemologia de Lakatos. A intenção, portanto, de entender como o sexo e o gênero foram construídos e como são vistos na atualidade.

A conclusão a que se chega é que conforme Lakatos ensina, um programa vem aos poucos superando o outro. A lógica binária vem sendo questionada, confrontada, enquanto a analítica queer vem se confirmando na prática. Não houve uma ruptura, mas está havendo uma evolução gradual, que pode mudar em breve a forma com que, por exemplo, a transexualidade é vista e tratada pela sociedade pós-moderna.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. O sexo e o Direito: a lógica binária dos gêneros e a matriz heterossexual da Lei. **Revista Meritum**. Belo Horizonte v. 5 n. 2 p. 289-321. jul./dez. 2010.

COSTA, Malena. **Distintas consideraciones sobre el Binarismo sexo/gênero**. Disponível em: <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/malena46.pdf>. Acesso em 16 julho 2016.

DRESSINO, Vicente. DENEGRÍ, Guillermo. La metodología de los programas de investigación científica y el concepto biológico del sistema conservativo. **Revista de Filosofía y Teoría Política**, 31-32, 131-137. 1996. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2565/pr.2565.pdf. Acesso em 16 julho 2016.

LAKATOS, Imre. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid. Alianza Universidad. 1989.

MAGALHÃES, José Luiz Quadros. **1378 - Ensaios José Luiz Quadros: Infiltrações – direito à diferença e direito à diversidade**. Disponível em: <http://joseluzquadrosdemagalhaes.blogspot.com.br/2013/11/1378-ensaios-jose-luiz-quadros.html>. Acesso em 16 julho 2016.

SILVEIRA, Ederson Luís. A dissolução da identidade em corpos complexos: Para além do binarismo masculino/feminino. **Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG**. v. 7 n. 2 (mai./ago. 2015) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2015. ISSN: 1984-6150.

SILVEIRA, Fernanda Lang. A metodologia dos programas de pesquisa: A Epistemologia De Imre Lakatos. **Cad.Cat.Ens.Fis.**, v.13,n3: p.219-230, dez.1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/viewFile/7047/6523>. Acesso em: 20 julho 2016.

SOUZA, Eloisio Moulin de. CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Rev. Adm. Mackenzie**. Vol.11, n.3, edição especial. São Paulo. Maio/Jun 2010. pp.46-70. ISSN 1678-6971. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712010000300005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 16 de julho 2016.